

## PERGUNTAS RETÓRICAS E DIDÁTICAS EM DOIS SERMÕES DE VIEIRA: O "SERMÃO DA SEXAGÉSIMA" E O "SERMÃO DO MANDATO"

Paulo de Tarso GALEMBECK  
(Universidade Estadual de Londrina)  
ptgal@uel.br

**Resumo:** Este texto trata das perguntas retóricas e didáticas em dois sermões do Padre Vieira. O trabalho divide-se em três partes: na primeira conceitua-se o gênero discursivo, na segunda explicam-se os tipos de perguntas e na terceira analisam-se as perguntas a partir de três variáveis: perguntas retóricas e didáticas; perguntas isoladas e em série; perguntas antecedidas por orações e perguntas diretas. As análises revelam que há um tipo predominante em cada variável, por isso recorrem no texto às perguntas retóricas apresentadas isoladamente e antecedidas por um preâmbulo, pois são elas que mais se prestam a chamar a atenção dos fiéis.

**Palavras-chave:** Interação assimétrica; Sermões; Perguntas retóricas; Perguntas didáticas.

**Abstract:** This text deals with rhetorical and didactic questions in two sermons of Priest Vieira. It is divided into three parts: in the first the discourse gender is conceptualized, in the second the types of questions are explained and in the third questions are analyzed from three variables: rhetorical and didactic questions; isolated and sequential questions; questions preceded by clauses and direct questions. The analysis reveals there is a predominant type for each variable; therefore the rhetorical questions either isolated or preceded by a preamble are predominant because they are better suited for drawing the believers' attention.

**Key-words:** Asymmetrical interaction; Sermon; Rhetorical questions; Didactic questions.

## 0. Introdução

Este trabalho tem por objetivo estudar as perguntas retóricas em uma forma de interação assimétrica, representada em dois sermões do Padre Antônio Vieira, o "Sermão da Sexagésima" e o "Sermão do Mandato".

Ambos os sermões em estudo foram proferidos em épocas diversas e têm assuntos diferentes. Quanto ao "Sermão do Mandato", houve vários deles, proferidos num intervalo de vinte e sete anos, entre 1643 e 1670. O sermão que se emprega neste estudo foi pregado em 1650 e trata do amor místico de Cristo, amor que se funda no conhecimento e no fato de constituir um fim em si mesmo, pois não busca a gratidão nem qualquer forma de retribuição. Aliás, o próprio Vieira afirma que só Cristo amou, porque amou sabendo (*sciens*).

Já o "Sermão da Sexagésima" foi proferido em 1655, na Capela Real de Lisboa e constitui, de fato, uma teoria da arte de pregar, pois nele o autor apresenta a qualidade de um sermão e os requisitos de um bom pregador: a pessoa, a matéria, a ciência, o estilo e a voz. O mote deste Sermão é representado pela citação *Semen est verbum Dei*, ou seja, "a semente é a palavra de Deus", e por meio dela, Vieira enfatiza a necessidade de o pregador manter-se fiel à palavra de Deus e ter uma vida digna, revelada pelas obras.

O trabalho divide-se em três partes: as duas primeiras são dedicadas à fundamentação teórica e nelas se expõem, respectivamente, a noção de gêneros textuais e as características do gênero sermão religioso, e o conceito de perguntas retóricas e didáticas. Na segunda parte, efetua-se a análise das variáveis.

As ocorrências de perguntas retóricas e didáticas de acordo com três variáveis: a) a distinção entre perguntas retóricas (nas quais não é formulada uma resposta) e perguntas didáticas (seguidas por uma resposta); b) perguntas isoladas (uma só pergunta) e perguntas série; c) perguntas antecedidas por um preâmbulo representado por uma ou mais orações e perguntas formuladas de modo direto.

Assinala-se, ainda, que a distribuição das perguntas de ambos os tipos nos dois sermões é desigual: são trinta no "Sermão do Mandato", contra setenta no "Sermão da Sexagésima". Esse fato é devido ao caráter mais polêmico e contestatório deste último, que contém críticas explícitas ao modo de pregar dos membros de outras ordens religiosas que não a Companhia de Jesus.

Os dois sermões em estudo acham-se publicados em Vieira (2003), edição organizada por Eugênio Gomes e publicada pela Editora Agir, na série "Nossos Clássicos".

## 1. O Gênero Textual Sermão

Cada gênero textual é caracterizado pelo plano composicional, o estilo e o conteúdo temático. Quanto ao plano composicional, observa-se que os sermões de Vieira são textos longos, correspondentes a mais de uma hora de pregação, e eles dividem-se em partes, dez, no caso de ambos os sermões em estudo. Embora os textos sejam longos, as estruturas dos sermões de Vieira não são complexas, pois eles dividem-se em três partes bem delimitadas: a primeira é a introdução ou exórdio e nela o autor parte de um texto bíblico para apresentar o assunto e a questão ou o problema que são propostos. Já as seções seguintes são destinadas à discussão do tema, que é continuamente retomado. Apesar dessa retomada, não existem redundâncias, nem circularidade, pois continuamente se apresentam novas passagens bíblicas e novas analogias. A última parte é a conclusão ou peroração e nela o religioso retoma a tese central do sermão, para encaminhar os ouvintes à conclusão por ele almejada. Por isso, a peroração vai além da reiteração da tese e da conclusão do sermão em termos lógicos: a lição projeta-se além da prédica e tem por objetivo consolidar nos ouvintes os comportamentos e as atitudes que Vieira deseja ver adotados.

Cabe considerar, ainda, que os sermões – assim como as demais formas de pregação religiosa – incluem-se no vasto campo dos gêneros oratórios, entre os quais são citadas a oratória política (e dentro dela, os discursos parlamentares), a cívica, a laudatória, a fúnebre, a forense, a religiosa ou sacra, entre outras formas.

No âmbito da oratória religiosa ou sacra, cabe apontar duas formas principais, a homilia (ou pregação propriamente dita) e o sermão. Esses temas, com frequência, são tomados por sinônimos, porém, pelo menos na época de Vieira, cabia diferenciá-los. Com efeito, a pregação ou homilia constitui uma parte da missa e é proferida após a segunda leitura ou leitura do Evangelho e com ela encerra-se o primeiro segmento da liturgia da missa, a liturgia da palavra. Já o sermão era dito numa sessão específica, geralmente realizada à tarde e a presença dos fiéis não estava ligada ao cumprimento do preceito de assistir às missas aos domingos e dias santificados. Por isso mesmo, os sermões eram bem mais longos que as homilias e o seu assunto não se prende ao Evangelho do domingo ou de uma efeméride.

A homilia e o sermão incluem-se no amplo domínio ou instância discursiva religiosa. Nessa esfera de atividade, convivem gêneros escritos (catecismos, hagiografias, obras doutrinárias, comentários aos textos sagrados...) e falados (sermão, homilia, confissão...). Esses gêneros possuem em comum o fato de estarem todos voltados para a difusão da doutrina e da fé e conterem ensinamentos destinados à formação moral e espiritual dos homens.

O estilo de Vieira apresenta algumas recorrências: os sermões pautam-se pela observância rigorosa do padrão culto da língua, do qual, aliás, foi ele um dos definidores. Embora culta, a linguagem de Vieira não é rebuscada, pois Vieira tem a preocupação de fazer-se entendido e, bem assim, recusa a linguagem afetada e artificial que caracteriza o cultismo. Outro traço do estilo de Vieira é o conceptismo, assim entendido o jogo de ideias e conceitos por meio do qual o autor desenvolve um raciocínio lógico. É o que se pode verificar no exemplo a seguir:

- (01) "A terceira circunstância da ciência, que grandemente subiu de ponto o amor de Cristo, foi o conhecimento que tinha do mesmo amor. Cristo conhecia todas as coisas com três ciências altíssimas: com a ciência divina, como Deus; com a ciência beata, como bem-aventurado; com a ciência infusa, como cabeça do gênero humano e Redentor do Mundo. O amor ainda o conheceu com outra quarta ciência, que foi experimental e adquirida; porque, assim como diz S. Paulo que aprendeu a obedecer, padecendo, assim aprendeu a amar, amando. E isto é o que ponderou muito S. João, advertindo que "amou, tendo amado": Cum dilexisset, dilexit."

Nesse trecho, Vieira sustenta a sabedoria como onisciência de Cristo com base em seu amplo conhecimento: das ciências divinas, beata, infusa e experimental. O raciocínio é rigoroso e justifica o ponto de vista do autor (a onisciência de Cristo). Note-se, ainda, que a linguagem não é rebuscada e o raciocínio flui linearmente.

Outro traço recorrente do estilo de Vieira são as citações das Escrituras, e os exemplos de figuras bíblicas ou analogia com elas. Vejam-se os exemplos a seguir:

- (02) (Citação do Evangelho segundo São João.)  
Sabia Cristo (diz S. João) que "era chegada a sua hora de passar deste mundo ao Padre": *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ex Patrem. Sabia que "tinha depositado em sua mão os tesouros da onipotência e que de Deus viera e para Deus tornava: Sciens quia omnia dedit i Pater in manus, et quia a Deo exivit, et ad Deum Vadit".* (Sermão do Mandato", p. 54).

Vieira discute o amor místico de Cristo e enfatiza a sua plena consciência de que era chegada a hora de voltar ao seio do Pai. Para embasar a sua asserção, cita uma passagem do Evangelho de São João, como forma de apoiar-se em uma fonte indiscutível e absolutamente digna de crédito.

Cita-se, a seguir, um exemplo de analogia.

- (03) "O trigo que semeou o pregador evangélico, diz Cristo que foi a palavra de Deus. Os espinhos, as pedras, o caminho e a terra boa em que o trigo caiu, são os diversos corações dos homens. Os espinhos são os corações embaraçados com cuidados, com riquezas, com delícias; e nestas afoga-se a palavra de Deus. As pedras são os corações duros e obstinados; e nestes seca-se a palavra de Deus, e se nasce, não cria raízes. Os caminhos são os corações inquietos e perturbados com a passagem e tropel das coisas do Mundo, umas que vão, outras que vêm, outras que atravessam, e todas passam; e nestes é pisada a palavra de Deus, porque a desatendem ou a desprezam. Finalmente, a terra boa são os corações bons ou os homens de bom coração; e nestes prende e frutifica a palavra divina, com tanta fecundidade e abundância, que se colhe cento por um: Et fructum fecit centumplum". ("Sermão da Sexagésima", p. 95).

Como forma de ilustrar a receptividade e a aceitação das palavras de Deus, Vieira faz uma analogia com elementos que podem representá-las, para que a sua afirmação se torne mais concreta e acessível. Assim, os espinhos representam os que se voltam para o mundo material e não aceitam a palavra sagrada; as pedras correspondem aos que teimam em ignorar os ensinamentos e em suas almas a palavra não penetra; os caminhos simbolizam aqueles a quem o Mundo distrai e não levam em conta as Palavras; a terra boa, enfim, são aqueles nos quais as lições deixam raízes e frutificam.

Tanto as citações bíblicas (muitas em latim, para assegurar maior credibilidade), assim como a analogia constituem recursos efetivos para reavivar nos ouvintes a Fé e tornar a expressão mais concreta.

Entre as características do estilo de Vieira, cabe mencionar, ainda, as perguntas retóricas e didáticas, que constituem objeto deste trabalho.

Os assuntos dos sermões de Vieira são variados, pois o pregador não se prende a assuntos religiosos ou místicos. Vejam-se os assuntos de alguns sermões:

- Sermão do Mandato: trata do amor místico de Cristo.
- Sermão da Sexagésima: constitui uma verdadeira teoria da arte de pregar.
- Sermão da Quinta Dominga da Quaresma: discute conceitos opostos (bem e mal; verdade e mentira) para conclamar os fiéis a abandonarem a escravidão dos indígenas.
- Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda: dirige-se a Deus, para mostrar a necessidade de levar os portugueses à vitória sobre os invasores holandeses.

- Sermão de Santo Antônio aos Peixes: dirige-se figurativamente aos peixes de diferentes espécies para criticar os vícios e defeitos dos fiéis.

Apesar de tão grande diversidade de assuntos, os sermões têm em comum a presença dos textos sagrados e a preocupação em exortar os ouvintes a seguir o caminho do bem e a reconhecer e aceitar o amor de Cristo.

## 2. Perguntas retóricas e didáticas

Gomes Júnior (2008, p. 42) define as perguntas retóricas como as interrogações cujo formulador não tem por objetivo uma resposta, mas visa a exercer algum efeito ilocucionário sobre o seu interlocutor. Em outros termos, pode-se admitir que as perguntas retóricas diferenciam-se das formas usuais de interrogação por não constituírem um meio de buscar uma dada informação; trata-se antes de procedimentos discursivos, chamar respostas à atenção do ouvinte para o que está sendo dito e aguçá-lo a curiosidade. De acordo com essa perspectiva, as perguntas retóricas têm uma função fática, por estarem ligadas ao estabelecimento de um canal de comunicação com o interlocutor.

O mesmo autor ainda assinala o aspecto singular das perguntas retóricas, pois elas não se configuram – sob o ponto ilocutório – como um pedido de resposta. De acordo com Lausberg (1982, p. 259), não se espera uma resposta a essa pergunta, pois a formulação está mais próxima de uma exclamação ou de uma afirmação. O caráter afirmativo também é assinalado por Marcuschi (2000, p. 7), segundo o qual as perguntas retóricas são formuladas sem o objetivo de obter uma resposta. O citado autor também assinala que suas perguntas são essencialmente afirmativas e essa característica faz com que elas exerçam funções discursivas ligadas à organização tópica. No caso dos sermões de Vieira, observa-se que as perguntas retóricas estão associadas à construção do tópico discursivo e, assim, são utilizadas como procedimentos, manutenção ou ampliação desse tópico.

Ainda quanto ao caráter afirmativo das perguntas retóricas, cabe assinalar que elas podem conter um sentido negativo implícito. É o que se verifica nos exemplos a seguir, citados por Léon (2005, p. 2):

É útil voltar a isso?  
(Não é útil...)  
Vale a pena falar nisso?  
(Não vale a pena...)  
Você acredita que eu me divirto em esperá-los?  
(Não me divirto em...)  
Você imagina que isso está terminado?

(Isso não está terminado).

Léon (2005, p. 3) ainda afirma que o caráter negativo é reforçado pela utilização de advérbios ou locuções adverbiais de valor modal:

Vale realmente a pena insistir?

(Realmente não vale a pena insistir).

É absolutamente necessário repetir isso?

(Não é absolutamente necessário...)

Eu sou, em todo caso, responsável por isso que acontece?

(Em todo caso, não sou responsável...)

Francamente isso te agrada?

(Francamente isso não pode te agradar).

Nos exemplos citados, os modalizadores marcados têm o valor de certeza e assertividade, e isso reforça o caráter negativo dessas perguntas.

Na sequência do trabalho será exposta a diferença entre perguntas retóricas e didáticas.

Qualquer ato enunciativo pressupõe a existência do outro, cuja atuação depende das características da forma de enunciação: nas diversas formas de interação assimétrica (aulas, conferências, sermões) o outro assume o papel de ouvinte. Porém, verifica-se que, mesmo nessa forma de interação, o outro é efetivamente um coparticipante, pois intervém de modo decisivo no desenvolvimento do diálogo e torna-se de fato cointerlocutor. O que foi dito significa que, nas interações assimétricas, o ouvinte é passivo, pois o locutor sempre leva em conta as reações do seu interlocutor.

A partir das considerações anteriores, Santana Neto (2005, p. 62 e ss.) estabelece a distinção entre perguntas retóricas e perguntas didáticas. As primeiras são aquelas em que o pregador apenas formula a pergunta, porém não a responde. Nesse caso, a pergunta é um procedimento para dar continuidade à argumentação e, ao mesmo, aguçar a atenção e o interesse dos ouvintes:

- (04) "Se o Sol fora verdadeira luz do conhecimento; e o Ocidente, onde se vai por o Sol, fora verdadeira morte, não nos causará tanta admiração ver que o Sol, conhecendo o lugar da sua morte, com a mesma velocidade que sobe ao zênite, se precipitasse ao Ocidente? Pois isto foi o que fez aquele Sol divino: Sol cognovit occasum suum. Conhecer o Sol divino o seu ocaso (...)". ("Sermão do Mandato", p. 75).

A pergunta constitui na verdade uma afirmação: ao estabelecer uma analogia entre o Sol e Cristo, Vieira enuncia que o Sol, após erguer-se até o ponto mais alto, desaparece no Ocidente. O

desaparecimento ocorre e o faz de modo consciente, assim como o Salvador enquanto caminhava para a morte. Na sequência do parágrafo, o pregador reitera a idéia exposta: "o Sol, assim como o Cristo, caminha resolutamente para a morte e o faz de modo consciente: *Sciens quia venit hora ejus (...)*".

Já a pergunta didática caracteriza-se por ser respondida pelo próprio enunciador que, nesse caso, desdobra-se em dois papéis distintos, porém complementares: o de locutor e o de coenunciador. Veja-se o exemplo:

- (05) "Pois se os animais iam e tornavam à semelhança de um raio, como diz o texto que quando iam não tornavam? Porque quem vai e volta como um raio não torna". Ir e voltar como um raio não é tornar, é ir por diante. Assim fez o sementeiro do nosso Evangelho. Não o desanimou nem a primeira nem a segunda nem a terceira perda (...) ("Sermão da Sexagésima", p. 95).

No exemplo anterior, Vieira assume a voz do ouvinte que, assim, transforma-se em coenunciador. Ele mesmo explica o motivo pelo qual, segundo o texto, os animais que iam e voltavam rapidamente não tornavam: a ida e o regresso imediato não permitem falar em regresso. A seguir, o pregador desenvolve o raciocínio e afirma que não se deve desanimar com as perdas, pois elas podem ser recuperadas.

Cabe esclarecer o seguinte: não existe uma oposição radical entre as perguntas retóricas e as didáticas. Justifica a afirmação anterior o fato de ambas constituírem recursos para aguçar a atenção e o interesse do ouvinte. Ademais, ambos são recursos discursivos para expandir o tópico, criar o contexto comum partilhado pelos interlocutores e conduzir os interlocutores às conclusões desejadas pelo pregador.

### 3. As perguntas retóricas e didáticas nos Sermões de Vieira

Nos Sermões de Vieira, as perguntas retóricas são recorrentes e apresentam uma série de características formais e discursivas que permitem compreender a função delas na estruturação do texto. Essas características são expostas em itens (sob a forma de variáveis) e são ilustradas por trechos dos dois sermões que constituem o *corpus* deste trabalho.

#### 3.1 Perguntas retóricas X perguntas didáticas

A distinção entre perguntas didáticas e perguntas retóricas já foi definida no item 2, por isso será logo apresentado o total de ocorrências de cada grupo:

	PR		PD	
	N	%	N	%
Sermão do Mandato	09	30	21	70
Sermão da Sexagésima	18	26	52	74
TOTAL	27	27	73	73

**Quadro I - Perguntas retóricas (PR) e perguntas didáticas (PD) –  
Fonte do Autor**

O predomínio das perguntas retóricas deve-se ao fato de elas constituírem procedimentos discursivos mais eficazes para encaminhar o ouvinte às conclusões desejadas. A questão retórica constitui a manifestação de uma dúvida que será desfeita com as explicações que a ela seguem. Veja-se o exemplo:

Perguntas retóricas:

- (06) "Mas se esta ciência de Cristo era universal, em respeito de todos os Discípulos (que eram os seus que havia no Mundo) porque nota mais particularmente o Evangelista o conhecimento desta mesma ciência, em respeito de Judas, advertindo que o Senhor sabia qual era que o havia de entregar? Sciebat enim quisnam esse qui traderet eum. Tão inteiramente conhecia Cristo a Judas, como a Pedro, e aos demais; mas notou o Evangelista com especialidade a ciência do Senhor, em respeito de Judas, porque em Judas, porque em Judas mais que em nenhum dos outros campeou a fineza do seu amor". ("Sermão do Mandato", pp. 66 e 67).

Vieira reproduz o fato de que o Evangelista (São João) tinha o conhecimento do amor universal e de Cristo e, assim, sabia que Judas haveria de entregá-lo. No entanto, o pregador opta por uma pergunta, pois sabe que os fiéis poderiam ter dúvidas a esse respeito. A pergunta retórica constitui, pois, um recurso para mostrar a falta de sentido da dúvida dos fiéis: Cristo amou Judas como aos demais apóstolos e o fez de modo fino, ou seja, sem esperar agradecimento ou retribuição. Vieira, com a pergunta retórica, antecipa a dúvida que será desfeita pelas explicações posteriores. Esse mesmo procedimento pode ser verificado no trecho a seguir:

- (07) "Mas dir-me-eis: Padre, os pregadores de hoje não pregam do Evangelho, não pregam das Sagradas Escrituras? Pois como não pregam a palavra de Deus? – Esse é o mal. Pregam palavras de Deus, mas não pregam a palavra de Deus: Qui habet sermonem meum, loquatur sermonem meum vere – disse Deus por Jeremias. As palavras de Deus, pregadas no sentido em que Deus as disse, são palavras de Deus; mas pregadas no sentido que nós

queremos, não são palavras de Deus, antes podem ser palavras do Demônio". ("Sermão da Sexagésima, pp. 121 e 122).

A pergunta retórica antecipa uma possível dúvida dos fiéis: os pregadores não pregam a palavra de Deus? A resposta é dada por meio de um jogo de palavras: eles pregam palavras de Deus, porém não a palavra de Deus e esta, quando distorcida, transforma-se em palavras do Demônio. Ao antecipar a dúvida, Vieira procura mostrar o equívoco cometido por muitos pregadores e conduz os fiéis ao ponto a que pretendia chegar: não basta repetir as palavras de Deus, mas é preciso preservar o sentido delas.

### 3.2. Perguntas introduzidas de modo direto X perguntas antecedidas por uma oração que indica um dado pressuposto ou um fato

Nesta variável, considera-se o fato de as perguntas retóricas ou didáticas serem introduzidas ou não por um preâmbulo no mesmo período.

#### (a) Perguntas introduzidas de modo direto:

- (08) "Todas as criaturas quantas há no mundo se reduzem a quatro gêneros: criaturas racionais, como os homens; criaturas sensitivas, como os animais; criaturas vegetativas, como as plantas; criaturas insensíveis, como as pedras; e não há mais. Faltou alguma destas que não se armasse contra o semeador?" ("Sermão da Sexagésima", p. 92/93).

Após enumerar as espécies de criaturas, Vieira introduz a questão de modo direto, sem qualquer preâmbulo representado por outra oração.

#### (b) Perguntas antecedidas por uma oração no mesmo período:

- (09) "Pois se os animais iam e tornavam à semelhança de um raio, como diz o texto que quando iam não tornavam? Ir e voltar como raio, não é tornar, é ir por diante" ("Sermão da Sexagésima", p. 95).

No exemplo anterior, as orações condicionais (se... iam e tornavam) funcionam como pressuposições que permitem introduzir a dúvida apresentada pelo autor.

O quadro a seguir permite verificar o predomínio das perguntas que vêm introduzidas por uma oração:

	PR		PD	
	N	%	N	%
Sermão do Mandato	07	23	23	77
Sermão da Sexagésima	15	22	55	78
TOTAL	22	22	78	78

**Quadro II - Perguntas introduzidas de modo direto (PD) X perguntas introduzidas por uma oração (PI) – Fonte do Autor**

O amplo predomínio das perguntas introduzidas por uma oração deve-se ao fato de que Vieira sente a necessidade de inserir a pergunta num contexto mais amplo, como forma de encaminhar os ouvintes a uma conclusão mais pertinente e adequada aos propósitos. A introdução da pergunta por uma oração tem, pois, valor argumentativo e é executada de dois modos mais recorrentes:

(a) Pela menção de um fato que justifica ou embasa a pergunta formulada:

- (10) "Pois se o amor perfeitíssimo de Cristo sempre foi igual, e nunca cresceu, como dizemos que hoje foi maior? (...) Confesso que não cresceu, mas tem si pode ser maior sem crescer". ("Sermão do Mandato", p. 71).

Com a oração condicional, o autor afirma que o amor de Cristo sempre foi igual, portanto não cabe questionar que hoje é maior.

- (11) "Se quando os ouvintes percebem os nossos conceitos, têm diante dos olhos as nossas manchas, como hão de conceber virtudes? Se a minha vida é uma apologia contra a minha doutrina, se as minhas palavras vão já refutadas nas minhas obras, se uma coisa é o semeador e outra o que semeia, como se há de fazer fruto?" ("Sermão da Sexagésima", p. 107).

No exemplo anterior, o autor usa orações condicionais de valor real, que indicam um fato líquido e certo, para manifestar as suas dúvidas: o amor de Cristo é perfeitíssimo (completo), assim como existe a incompatibilidade entre as palavras de muitos pregadores e a própria vida que eles levam. A partir desses fatos, os pregadores enunciam as perguntas que, na verdade, constituem afirmações: o amor de Cristo cresceu, por ser o amor de Cristo e as pregações não fazem fruto devido às manchas dos pregadores.

(b) Por meio de um enunciado de valor dubitativo ou hipotético:

- (12) "E se esse semeador evangélico, quando saiu, achasse o campo formado; se se armassem contra ele os espinhos; se se levantassem contra ele as pedras, e se lhe fechassem os caminhos, que havia de fazer? Todos esses contrários que digo e todas estas contradições experimentou o semeador do nosso Evangelho. Começou ele a semear (diz o Cristo) mas com pouca ventura". ("Sermão da Sexagésima", p. 92).

Nesse trecho, Vieira enuncia as dificuldades enfrentadas pelo semeador, porém as apresenta como meras possibilidades, pois elas não constituíram óbices para que o semeador saísse a semear. Trata-se, pois, de uma forma de mostrar que as dificuldades não são intransponíveis e, assim, enfatizar aos ouvintes a necessidade de o pregador superar os obstáculos para realizar a sua missão.

Veja-se o exemplo a seguir:

- (13) "Se uma nau fizesse um bordo para o norte, outro para o sul, outro para o leste, outro para o oeste, como poderia fazer viagem? Por isso nos púlpitos se trabalha tanto e se navega tão pouco. Um assunto vai para um vento, outro assunto vai para outro vento, nada se pode colher, senão vento". ("Sermão da Sexagésima", p. 112).

A analogia com a nau nega a possibilidade de o pregador seguir para rumos diferentes e, assim, enfatiza a necessidade de o sermão ter um só assunto.

A formulação de dúvidas e hipóteses representa uma forma de raciocínio por absurdo, pois o autor evidencia o que não pode ser aceito para, a seguir, enunciar de forma categórica o seu ponto de vista: a necessidade de o pregador insistir e persistir na difusão da palavra de Cristo, e a necessidade de ter o sermão um único assunto.

Lembre-se que 88% dos preâmbulos introdutórios de perguntas retóricas são representados por orações condicionais de valor hipotético ou real.

Interrogações isoladas correspondem a 2% das ocorrências, introduzidas de modo direto, isto é, sem nenhuma oração que as proceda na mesma frase. Nesse caso, a interrogação geralmente constitui, em si, um período simples.

- (14) *"Pinta-se o amor sempre menino, porque ainda que passe dos sete anos, como o de Jacó, nunca chega à idade de uso da razão. A alma de um menino, que vem a ser? Uma vontade com afetos e um entendimento sem uso. Tal é o amor vulgar".* ("Sermão do Mandato", p. 55).
- (15) *"Neste tempo todos o povo e os escribas bradavam de fora, que fosse crucificado: At illi magis clamabant, crucifigatur. De maneira*

*que Cristo tinha por si a razão e tinha contra si os brados. E qual pode mais? – Puderam mais os brados que a razão. A razão não valeu para a livrar, os brados bastaram para o por na Cruz". ("Sermão da Sexagésima", p. 119).*

O fato de as interrogações não serem antecedidas por uma oração que indica um fato ou exprime uma dúvida não significa que Vieira não se preocupe em contextualizar as próprias interrogações. Na verdade, nos dois exemplos citados, as interrogações fluem do próprio contexto: a) no ex. 13, o contexto é o fato de amor trivial não chegar à idade da razão, afirmação justificada por meio da pergunta e da explicação posterior: o amor do menino é "uma vontade com afeto e um entendimento sem uso"; b) no ex. 15, parte-se do fato de os brados sobrepujarem-se à própria razão, e isso justifica a crucificação de Cristo.

### 3.2 Pergunta isolada X perguntas em série

As questões retóricas podem ser representadas por uma única pergunta (pergunta isolada) ou por uma série delas. Vejam-se os exemplos:

- (16) "A sarça em que Deus apareceu, estava ardendo toda em chamas vivas, e um Deus abrasado em fogo, que muito se abalance aos pés dos homens?" Falando a nosso modo, nunca Deus se conheceu melhor, que quando estava na sarça, porque ali definiu a sua essência (...). ("Sermão do Mandato", p. 63).

No exemplo, há uma interrogação isolada que trata do modo como Deus apareceu (abrasado em fogo) e, a seguir, retoma a mesma ideia e afirma que essa é a essência de Deus.

#### b) Perguntas em série

No exemplo a seguir, existe uma série de interrogações que indica qual deve ser a atitude do pregador em face das dificuldades por ele enfrentadas:

- (17) Agora torna a minha pergunta: E que faria neste caso, ou que devia fazer o semeador evangélico, vendo tão mal logrados seus primeiros trabalhos? Deixaria a lavoura? Ficar-se-ia ocioso no campo, só porque lá tinha ido? Parece que não. Mas se tornasse muito depressa a casa a buscar alguns instrumentos com que a limpar a terra das pedras e dos espinhos, seria isso desistir? Seria isto tornar atrás. – Não por certo. No mesmo texto de Ezequiel com que arguistes temas a prova. Já vimos como dizia o texto, que aqueles animais das carroças de Deus, "quando iam não tornavam". Nec revertebantur, com ambularent. Tede agora dois

versos mais baixo, e vereis que diz o mesmo texto que "aqueles animais tornavam à semelhança de um raio ou corisco (...)." ("Sermão da Sexagésima", pp. 94/95).

Observa-se que, por meio das três primeiras questões, o pregador reitera seu ponto de vista, ou seja, enfatiza que o pregador não deve desistir da sua missão específica: levar a palavra de Deus aos fiéis. Para reforçar a sua ideia, Vieira parafraseia a mesma ideia, o que também ocorre nas duas questões a seguir: "(...) seria isso desistir? Seria isso tornar atrás?". Por meio dessa reiteração, o pregador introduz uma analogia com os animais que iam e tornavam e afirma ser esta a atitude do pregador: não desistir da sua empreitada.

Acrescente-se que, por vezes, Vieira retoma a mesma ideia por meio de uma citação em latim:

- (18) O Sol é uma criatura irracional e insensível (porque ainda que alguns filósofos creram o contrário, é erro condenado). Pois se o sol não tem entendimento, nem sentido, como diz a Profeta que o Sol conheceu o seu ocaso? Sol cognovit occasum suum? O certo é que (diz Agostinho) que debaixo da metáfora do Sol material, falou Davi do Sol divino, Cristo, que só é sol com entendimento. ("Sermão do Mandato", p. 75).

Veja-se o quadro a seguir, que expõe a distribuição das ocorrências:

	PI		PS	
	N	%	N	%
Sermão do Mandato	21	70	09	30
Sermão da Sexagésima	47	67	23	33
TOTAL	68	68	32	32

**Quadro III - Perguntas isoladas (PI) X perguntas em série (PS)**  
**Fonte do Autor**

Predominam as perguntas isoladas, que constituem um meio para que o pregador apresente o problema que, a seguir, será retomado e esclarecido:

- (19) "E então façamos esta questão: Que é que mais deseja e mais estima o amor: ver-se conhecido ou ver-se pago? É certo que o amor não pode ser pago, sem primeiro ser conhecido; mas pode ser conhecido, sem ser pago". ("Sermão do Mandato", p. 78).

No exemplo anterior, Vieira emprega a pergunta para apresentar os dois pólos da relação: o amor deseja ser conhecido ou ser pago?

Trata-se de um recurso discursivo utilizado para que o pregador possa desenvolver um raciocínio nitidamente conceptista: o conhecimento constitui a condição para o amor ser pago. Considera-se, ainda, o caráter contextualizador do preâmbulo que introduz a pergunta.

No exemplo a seguir, a pergunta retórica retoma as causas pelas quais deixa a sementeira de frutificar e, ao mesmo tempo, introduz as considerações do autor: a sementeira não deixa de frutificar por culpa do Céu, mas dos homens. Note-se aqui o jogo dos duplos sentidos das palavras sementeira (lavoura e palavras de Cristo) e Céu (divindade e fenômenos meteorológicos):

- (20) "As causas por que ordinariamente se perdem as sementeiras é pela desigualdade e pela intemperança dos tempos, ou porque falta ou sobeja a chuva, ou porque falta ou sobeja o sol. Pois por que não introduz Cristo na parábola do Evangelho algum trigo que se perdesse por causa do Sol ou da chuva? – Porque o Sol e a chuva são as influências da parte do Céu, a deixar de frutificar a semente da palavra de Deus, nunca é por falta do Céu, sempre é por culpa nossa". ("Sermão da Sexagésima", p. 99).

Nas perguntas em série, Vieira expõe alguns questionamentos ou diferentes facetas do mesmo questionamento, e a seguir soluciona as dúvidas com uma explicação conclusiva:

- (21) "Pois pergunto: Por que diz Deus a Abraão, em primeiro lugar, que conhecia seu amor, e no segundo, que o premiaria? E já que dilatou para depois as promessas do prêmio, por que não dilatou também as certificações do conhecimento? Nunc cognovi? Falou Deus como quem conhece os corações, e sabe o que mais estima quem verdadeiramente ama. Primeiro, certificou a Abraão de que conhecia seu amor, e reservou para depois o assegurar-lhe que o havia de premiar: porque, como Abraão era tão verdadeiro e fino amante, mais estimava ver o seu amor conhecido, que pago". ("Sermão do Mandato", p. 80).

O pregador inicialmente expõe a dúvida: por que o conhecimento veio antes do prêmio, e por que este foi postergado, mas não aquele? A seguir, essa dúvida é solucionada, pelo fato de Abraão ser fino amante e, assim, preferir ver o amor antes conhecido que pago. A reiteração da dúvida, nesse caso, reitera o ponto de vista inaceitável ou falacioso e, assim, expõe o próprio ponto de vista: o amor deve ser fundamentado, de modo que o conhecimento deve ser antes conhecido que pago.

No exemplo a seguir, a segunda pergunta da série particulariza a questão anterior:

- (22) "Corre-se neste passo uma cortina, aparece a imagem do Ecce Homo; eis todos prostrados por terra, eis todos a bater no peito,

eis as lágrimas, eis os gritos, eis os alaridos, eis as bofetadas. Que é isto? Que apareceu de novo nesta igreja? Tudo o que descobriu aquela cortina já tinha dito o pregador. Já tinha dito daquela púrpura, já tinha dito daquela coroa e daqueles espinhos, já tinha dito daquele cetro e daquela cana". ("Sermão da Sexagésima", pp. 105 e 106).

A primeira interrogação (Que é isto?) tem valor genérico e, ao mesmo tempo, manifesta o espanto e a incompreensão daquela cena. Já a segunda, além de explicitar a primeira, também manifesta a mesma falta de entendimento.

#### 4. Comentários conclusivos

O exame das perguntas retóricas e didáticas nos Sermões do Mandato revela que, em ambos, a maior parte das ocorrências enquadra-se no mesmo padrão quanto às três variáveis em estudo: são perguntas únicas e isoladas, antecedidas por uma oração que remete a um fato ou tem valor hipotético ou dubitativo e funciona com um preâmbulo, e são antes perguntas retóricas que didáticas.

Esse predomínio não é aleatório e flui das características dos Sermões, forma de interação na qual Vieira expõe e discute, com o uso de citações bíblicas, analogias e exemplos, pontos polêmicos e controversos da doutrina da Igreja Católica. Ora, as perguntas retóricas constituem recursos eficazes para a discussão de aspectos controversos da doutrina e, além disso, para encaminhar os ouvintes a aceitar as conclusões que, segundo o pregador, são as mais coerentes com a própria doutrina.

Para a consecução desse objetivo, Vieira utiliza perguntas isoladas e antecedidas por um contextualizador (oração que exprime fato ou hipótese), como forma de apresentar o problema e, do mesmo modo, situá-lo no universo sociocognitivo dos ouvintes. Desse modo, a pergunta não cai no vazio, mas é situada e torna-se peça relevante da argumentação de Vieira.

Quanto ao predomínio de questões retóricas, Vieira, na maior parte das ocorrências, opta por não responder as perguntas, mas por esclarecer o questionamento por elas suscitado.

Em suma, tem-se que as questões em estudo despertam nos ouvintes dúvidas a respeito de pontos polêmicos e sua pertinência é dada por orações factuais ou hipotéticas e, a seguir, a controvérsia é esclarecida por meio de uma argumentação sólida.

Quanto aos demais tipos, observa-se que há uma coincidência (superior a 75% das ocorrências) entre perguntas em série e perguntas sem antecedentes, e isso que nestas o conceito é suprido pela reiteração da mesma dúvida. As perguntas didáticas, por sua vez, não

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Perguntas retóricas e didáticas em dois sermões de Vieira: o "Sermão da Sexagésima" e o "Sermão do Mandato". *Revista Intercâmbio*, v. XXXIII: 91-107, 2016. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

são utilizadas com tanta frequência pelo fato de Vieira optar por introduzir diretamente a explicação sem uma dada resposta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOMES JÚNIOR, Saul Cabral. Perguntas retóricas na entrevista política: um estudo de caso. *Signo*, 33(55), jul.-dez., p. 42-54, 2008.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Trad. R. M.

Rosado Fernandes. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

LÉON, Jacqueline. *Perguntas retóricas*. 2005. (MS. Inédito cedido pela tradutora).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Atos de referenciação na interação face a face. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, 41, jul./dez., p. 37-45, 2001.

SANTANA NETO, João Antônio de. *Processos argumentativos*. Estudo retórico de textos didáticos medievais. Salvador: Quarteto, 2005.

VIEIRA, Antônio. *Sermões*. 3. ed. Organização, seleção e introdução de Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: Agir, (Série "Nossos Clássicos"), 1963.